

Motricidade humana: cidadania e desporto

Prof. Doutor Manuel Sérgio

10 de abril de 2014

Florbela Armanda Gomes Esteves

Agrupamento de Escolas de Montemor-o-Velho

Num período de grandes mudanças sociais, familiares e educativas, em que a infância parece estar cada vez mais preenchida por atividades estruturadas, focadas no exercício intelectual, sem que se envolva a mobilização do corpo da criança nem a ponderação de valores inerentes ao desporto e à cidadania como fatores de enriquecimento da sociedade e da cultura, pareceu-nos fundamental problematizar o valor e pertinência da *motricidade humana* enquanto ferramenta de desenvolvimento e mecanismo de formação permanente de cidadãos que se pretendem conscientes, livres, responsáveis e participativos.

Desprendido de tabus e preconceitos, Manuel Sérgio prendeu o auditório ao afirmar que “*o desporto é um fenómeno de popularidade extraordinária que contempla todas as dimensões do ser humano para o bem e para o mal.*” Qualquer tentativa de compreensão do desporto implica, na sua essência, uma compreensão profunda do ser humano no seu tempo, contexto social, político, económico, religioso, cultural, familiar e também da sua vivência interior diária.

O desporto congrega uma panóplia de variáveis que, de forma direta ou indireta, ilustra aquilo que é a Humanidade, porque o desporto¹, como atividade humana, agrega movimento, plano ou projeto, competição, instituição, jogo, política, tática, companheirismo / rivalidade, esforço pessoal e sinergias que se misturam numa correlação constante, irrepetível e única.

Mais do que nunca, o desporto deve ser entendido como um sistema aberto que reflete a vivência do homem, já que é uma construção sua, um produto elaborado pelo homem naquilo que é a sua especificidade, circunstância e condição, daí que para que se possa compreender o movimento ou passe futebolístico, tenhamos de compreender o homem que o executou ou o(s) aspeto(s) que estiveram na sua génese, com a consciência de que no desporto e, especificamente, “*no futebol não há apenas causalidade, mas também caos alidade*”, já que a vida é composta dessa inevitabilidade imprevisível. Trata-se, no dizer de Manuel Sérgio, de uma fenomenologia da prática desportiva, já elaborada por Merleau-Ponty, que reconhece e enfatiza a importância do corpo e a sua envolvimento em todas as atividades do Homem. Manuel Sérgio afirma assim, a corporeidade como o *locus* em que o homem transcende os determinismos biológicos para se tornar efetivamente humano, ultrapassado que está o dualismo corpo / alma ou a *res cogita* da *res extensa* cartesiana. Segundo o autor, esse terá sido o momento do nascimento da Educação Física, um momento de avassaladora importância pela revolta do corpo contra o dualismo: sensível *versus* inteligível. Como João Batista Freire (1991, p. 26) refere, “*o corpo, inevitavelmente mortal, não está morto. E sem ele nada se pode fazer aqui onde habitamos. [...] Somos seres motores, corpos locomotores. [...] Pela corporeidade existimos; pela motricidade*

¹ Descrito pelo autor como “*ciencia de la comprensión y de la explicación de las conductas motoras, orientada al estudio y a las constantes tendencias de la motricidad humana en el orden del desarrollo global del individuo y de la sociedad, teniendo como fundamento simultaneo lo físico, lo biológico y lo antro/sociológico*” (Manuel Sérgio 1999, p. 268).

nos humanizamos. A motricidade não é movimento qualquer é expressão humana.” Só assim, “assente na corporeidade, ou no físico ou no biológico, o Homem mostra-se capaz de substituir o *instintual* por uma cultura que lhe determina a relação com os outros, explica a sua ação, orienta o seu destino, revestindo-o de intencionalidade e significado” (Manuel Sérgio, 1999, p.143).

Conforme nos alerta Batista Freire (1991, p. 30), “*na nossa tradição intelectual, o corpo não é tratado como inteligível e o espírito não é tratado como sensível. Temos passado tanto tempo pensando assim que se tornou difícil reconhecer mesmo o sensível do corpo ou o inteligível do espírito. [...] o dualismo estabelecido pela nossa tradição intelectual prejudicou a sensibilidade do sensível tanto quanto prejudicou a inteligência do inteligível.*”

De cariz humanista, este novo paradigma emergente na Idade Moderna, surge como um impulso na educação e formação desportiva, pensada a partir do e para o homem enquanto ser consciente, livre e criativo, pelo que foca o seu método de ensino no indivíduo e no seu processo de desenvolvimento enquanto sistema integrado e global. Concebendo o Homem como um todo *psico-socio-afetivo-cognitivo-motor* (visão holística), Manuel Sérgio pressupõe a existência de três dimensões no Homem: o sentir, o querer / agir e o pensar, todas elas correlacionadas, ou seja, dependentes entre si e com um rendilhado de conexões que são sempre únicas, irrepetíveis e objeto de expressão / manifestação / representação no desporto.

O corpo é entendido como um elo de ligação com o mundo, devendo ser preparado, sujeito a treino, para melhor lidar com os desafios que lhe serão colocados. É sugerido que se trabalhe as texturas, o movimento, a agilidade, o domínio, o equilíbrio, naquilo que designamos por SENTIR numa relação corpo / mundo; O querer, centrado no coração e no agir, trabalha as emoções e a conação ou motivação por meio da música, do canto, do desenho, da pintura, do teatro, da recitação². Neste domínio pretende-se desenvolver a concentração, a sensibilidade, a capacidade de integração e interação social, bem como a auto regulação das emoções e vontade. Na certeza de que “*não se infundem conceitos morais nas crianças apelando ao intelecto, mas ao sentimento e à vontade*”; O pensar surge como unidade erudita que se vai formando do acumular de experiências majorantes que se equilibram a cada novo estágio de progressão, numa unidade mais capaz e eficiente em que não há esquecimento ou perda dos conteúdos anteriores mas uma reapropriação desses dados com as últimas aquisições ou assimilação recém-acomodada – cf. sistema evolutivo construtivista.

É assim que Manuel Sérgio defende que a educação física "*apropriação crítica da cultura corporal de movimento*", resulta do sentir, querer e pensar como unidades de uma esfera dinâmica, interdependente e complexa como é o ser humano. Pelo que a atividade física exige

² Daí a importância que hoje é conferida aos períodos de preparação da temporada e das atividades lúdicas implementadas. Nada é deixado ao acaso e aquilo que, aparentemente, não tem implicação com o desporto está afinal tão conectado com a prática desportiva e o seu nível de competitividade, patente no modo de gestão do *stress* e da ansiedade, nos níveis de concentração, nos *mecanismos de defesa do Eu* e na capacidade de resiliência perante a adversidade e o imprevisto.

um *metodólogo* e não apenas um preparador físico; um exímio leitor de jogo e de jogadores (dentro e fora das quatro linhas) e não apenas um observador; um líder capaz de toda a gestão emocional, anímica e relacional (da equipa em geral e de cada um em particular) e não apenas um treinador; um amigo presente e incondicional e não apenas um agente desportivo ou diretor com data e hora de participação. Estamos pois, na área da hermenêutica da Humanidade, alertando o autor, frisando a necessidade que o professor ou líder de equipa / treinador apresenta em ser um especialista ou perito em Humanidade. Na certeza de que quantas mais competências (técnicas e, fundamentalmente, sociais de relacionamento e gestão interpessoal) dominar ou comportar, maior será o seu sucesso. Foi neste contexto, que Manuel Sérgio partilhou algumas vivências que travou com jogadores de craveira internacional que, quando inquiridos sobre qual teria sido o melhor treinador que alguma vez haviam tido, foram unânimes que consideraram que todos percebiam o mesmo de futebol a diferença estava na relação humana que estabeleciam. Aspeto ainda patente, nas considerações que teceu sobre os primeiros passos do seu pupilo mais famoso e bem-sucedido - José Mário dos Santos Mourinho Félix.

Mais do que qualquer outro, José Mourinho, levou muito a sério a expressão de Manuel Sérgio “*Se queres ser treinador de futebol, precisas saber muito mais do que futebol, porque tudo o que é humano está no futebol.*” Mas não se pense que essa é uma realidade fácil de ser apreendida. Não se conhece a Humanidade com facilidade, com a ligeireza tantas vezes desejada ou pela necessidade que é imposta³. Trata-se de um composto ou ‘*constructo*’ que muitas vezes se nos escapa em parte, que não é processado na essência do que é⁴, mas na forma como foi observada, sentida e pensada por cada sujeito epistemológico e, portanto, alvo de múltiplas leituras e interpretações, nem sempre unânimes, nem sempre fáceis. E, talvez por isso, geradora ou potencialmente geradora de *stress* e conflito nos seus principais intervenientes, obrigando-os a uma constante adaptação e à reformulação dos seus conhecimentos e formas de estar, pensar e ser, catapultando-os para o crescimento e para o despertar da curiosidade científica.

Convicto de que as relações são um alicerce fundamental de qualquer sistema onde o Humano participe, o orador evidenciou o quanto dependemos das relações interpessoais e da qualidade das mesmas. Esta questão é tanto ou mais premente quando lidamos com um grupo de atletas sujeito à exposição pública e à alta competição que não admite erros ou falhas. Conforme elucidou, “*o desporto atual reproduz e multiplica as taras da sociedade capitalista*”, orientada ou gerida por valores como a competição exacerbada, o poder desenfreado e o acesso desmedido ao dinheiro, à fama e ao estrelato mediático fácil. E é nesse exato ponto que precisamos repensar

³ Cf. analogia tão bem estabelecida pelo autor entre o poema *Lágrima de Preta*, de António Gedeão e a noção de ser humano, na dificuldade de apreensão exata, rigorosa e objetiva dos dois conceitos.

⁴ De notar que a leitura do tecido social e de toda a sua teia de relações e conexões é, por si só, um sistema aberto de representação concetualizada sobre outras representações, num replicar quase infindável que foi tão longe na interpretação hermenêutica da realidade e do mundo que nos catapultou para uma dimensão muitíssimo sofisticada e totalmente virtual, exigindo grande poder de abstração e adaptação.

ou refundar o desporto como um contrapoder às “*taras dominantes*”, num exercício de cidadania difícil e moroso já que envolverá a mudança da própria sociedade. Citando Manuel Sérgio “*o Desporto em que eu acredito não é mera educação física, entendida como educação de físicos, mas motricidade humana, ou seja, movimento intencional da pessoa visando, em grupo (em equipa) a transcendência (ou a superação) – não sou por isso contra o espectáculo desportivo, mas só acredito nele quando, numa sociedade, a um campeão do Desporto corresponder um campeão das Artes, das Letras e da Tecnociência. Por isso, rejeito e condeno o espectáculo desportivo de todas as ditaduras (incluindo a ditadura do lucro ou de um economicismo sem freios), que serve, única e exclusivamente, para adormecer as pessoas à recusa da sociedade injusta estabelecida. O Desporto em que eu acredito decorre naturalmente dos Direitos do Homem. O Desporto só dá saúde numa sociedade onde tudo seja para todos! A um praticante com fome, o Desporto faz mal à saúde! A um praticante sem formação moral, o Desporto pode transformar-se num espaço de violência e de corrupção! É preciso fundamentar a promoção do desporto na construção de uma democracia económica, social, cultural, em poucas palavras: de uma democracia participativa!*” Vertente com a qual não poderíamos estar mais de acordo, já que o ser humano tem de ser perspectivado como um todo e integrado num contexto, relação ou envolvimento que o especifica e define como ser único.

Tendo em conta os pressupostos fundadores da motricidade humana, Manuel Sérgio preconiza que a formação do indivíduo deverá ser global e integral de forma a prepará-lo para a vida desportiva, pública, cívica, social, moral e ecológica constituindo-se assim como um elemento pró-ativo na construção de uma melhor sociedade. A este propósito, o autor insurge-se contra a utilização do desporto como farsa para a fragmentação do ser humano que, em nome de uma competição desenfreada e do dinheiro fácil, se fragiliza e aliena. Deixando-nos o repto de não pactuar com os “novos poderes” que escravizam o Homem sempre que o tomam como meio e não como fim em si mesmo, pondo em causa o desenvolvimento do potencial humano.

BIBLIOGRAFIA

- Daolio, J. (1995). *Da cultura do corpo* (12.^a ed., orig. de 1994). Campinas SP: Papirus Editora.
- Freire, J. B. (1991). *De corpo e alma: o discurso da motricidade*. São Paulo: Summus.
- Herrera, D. (2008). *Corporeidad y motricidad. Una forma de mirar los saberes del cuerpo*. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 29, n. 102, pp. 119-136.
- Merleau-Ponty, M.(2000). *Fenomenología de la percepción*. Barcelona: Península.
- Morin, E. (1991). *Introdução ao pensamento complexo*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Sérgio, M. (1996). *Epistemologia da motricidade humana* (1^a ed.). Lisboa: FMH.
- Sérgio, M. (1999). *Um corte epistemológico*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Trigo, E., et al. (1999). *Creatividad e motricidad*. Barcelona: Inde Publicaciones.